

1. EXISTE O COLONO?

O SENTIDO DA VIAGEM COLONIAL

Ainda hai quem às vezes gosta de representar o colonizador como um home de elevada estatura, bronzeado polo sol, calçado com botas de meio cano, apoiado numha pá porque nom desdenha botar umha mao no trabalho, fixando o olhar ao longe no horizonte das suas terras; entre duas açõs contra a natureza, é prodigo com os homes, cuida dos doentes e difunde a cultura. Em suma, um nobre aventureiro, um pioneiro.

Nom sei se esta imagem de Épinal⁸ correspondeu algumha vez à realidade ou se se limita às gravuras dos bilhetes de banco coloniais. Os motivos económicos da empresa colonial estão hoje elucidados por todos os historiadores da colonizaçom; ninguém crê já na missom cultural e moral, nem sequer original, do colonizador. Em qualquer caso, a ida para as colónias nos nossos dias nom é a escolha de umha luita incerta, procurada precisamente polos seus perigos, nom é a tentaçom da aventura senom a da facilidade.

Além disso, basta perguntar ao europeu das colónias: Que razons o levãrom a expatriar-se, e depois, sobretudo, que razons o figérom persistir no seu exílio? Às vezes pode que fale também de aventura, de exotismo e de mudar de ambiente. Mas por que nom os procurou na Arábia, ou simplesmente na Europa Central, onde nom se fala a sua mesma língua, onde nom encontra um grupo importante de compatriotas, umha Administraçom que o sirva, um exército que o proteja? A aventura teria comportado mais imprevistos; mas essa expatriaçom, mais segura e de melhor qualidade, teria sido de um *beneficio* duvidoso; o desarraigamento colonial, se hai desarraigamento, deve ser sobretudo um bom negócio. Espontaneamente, melhor que os técnicos da linguagem, o nosso viajero proporá-nos a melhor definiçom que se pode dar da colónia: alá ganha-se mais e gasta-se menos. Vai-se para a colónia porque os empregos som seguros, os soldos ele-

8 N. de T. As imagens de Épinal som estampas de temática popular e vivas cores impresas na França no séc. XIX. A expressom deriva do da primeira empresa que as imprimiu, *Imagerie d'Épinal*. Com o transcurso do tempo, adquiriu o sentido figurado da visom tradicionalista e naif das cousas, que só recolhe o seu lado bom.

vados, as carreiras mais rápidas e os negócios mais lucrativos. Ao jovem diplomado oferece-se-lhe um posto, ao funcionário um nível suplementar, ao comerciante reduções significativas de impostos, ao industrial matéria-prima e mão de obra a preços insólitos.

Mas seja: suponhamos que existe esse ingénuo, que desembarca por casualidade, como se chegasse a Toulouse ou a Colmar.

Necessitaria muito tempo para descobrir as vantagens da sua nova situação? Ainda que se constate mais tarde, o sentido económico da viagem colonial não deixa de se impor rapidamente. O europeu das colónias pode também, com certeza, gostar deste novo país, apreciar o exotismo dos seus costumes. Mas se lhe desagrade o clima, está incómodo no meio dessas multidões estranhamente vestidas, tem saudade do seu país natal, a questão doravante será: há que aceitar estas incomodidades e este mal-estar em troca das vantagens da colónia?

Dali a pouco já não se esconde; é habitual ouvi-lo sonhar em voz alta: alguns anos mais e comprará uma casa na metrópole... Em suma, uma espécie de purgatório, um purgatório remunerado. Doravante, mesmo saciado, enjoado de exotismo, por vezes doente, agarra-se: o engano funcionará até a jubilação ou mesmo até a morte. Como retornar à metrópole se ali teria que reduzir o seu trem de vida à metade? Voltar à viscosa lentidão da promoção metropolitana?

Quando, nestes últimos anos, o ritmo da história se acelerou, a vida tornou-se difícil, muitas vezes perigosa para os colonizadores, foi este cálculo tão simples, mas irrefutável, o que os retivo. Mesmo aqueles que na colónia se denominam aves de passagem não manifestaram uma pressa excessiva por partir. Alguns, ao contemplar a possibilidade do retorno, começaram a temer, de forma inesperada, um novo exílio: o de voltarem ao seu país de origem. Em parte, podemos-os entender; deixaram o seu país há já muito tempo para que ainda tenham amigos com vida, os seus filhos nasceram na colónia, ali enterraram os seus mortos. Mas exageraram a sua aflição; organizaram a sua vida diária na comunidade colonial, importaram e impuseram os costumes da metrópole, onde passam regularmente as suas

férias, de onde extraem as suas ideias administrativas, políticas e culturais e da qual nom arredam os olhos.

O seu desenraizamento, no fundo, é de base económica: é o do novo rico em risco de voltar a ser pobre.

Agüentarám o maior tempo possível, porque quanto mais tempo passe, mais durarám as vantagens, que bem merecem algumas preocupaçõs e que sempre se perderám demasiado cedo. Mas se um dia se vê afetado no económico, se as «situaçõs», como se di, correm um perigo real, o colonizador sente-se entom ameaçado e pensa, seriamente desta vez, em retornar à metrópole.

No plano coletivo, o assunto é ainda mais claro. As empresas coloniais nunca tivérom outro sentido explícito. Durante as negociaçõs franco-tunisinas, alguns ingénuos surpreendêrom-se da relativa boa vontade do governo francês, particularmente no âmbito cultural, e da aquiescência, rápida afinal de contas, dos chefes da colónia. As cabeças pensantes da burguesia e da colónia compreendêrom que o essencial da colonizaçom nom era nem o prestígio da bandeira, nem a expansom cultural, nem sequer a direçom administrativa e a salvaguarda de um corpo de funcionários. Admitírom que se pudessem fazer concessõs em todo, se o essencial, isto é, as vantagens económicas, se mantinha. E se Mendès France pudo efetuar a sua famosa viagem relâmpago, foi com a sua bençom e sob a proteçom de um deles.⁹ Este foi exatamente o seu programa e o teor principal dos acordos.

Tendo descoberto o benefício, por casualidade ou porque o buscou, o colonizador nom tomou ainda consciência, porém, do papel histórico que lhe vai corresponder. Falta-lhe um passo no conhecimento da sua nova situaçom; tem que compreender também a origem e o significado desse benefício. Na verdade, isto nom demorará. Como poderia nom advertir durante muito tempo a miséria do colonizado e a relaçom desta miséria com

9 N. de T. O 31 de julho de 1954 Mendès France viajou a Tunes por surpresa e anunciou a Autonomia Interna do Estado da Tunísia, reservando-se França as competências de Interior e Negócios Estrangeiros. Contava com a aceitaçom de Habib Bourguiba, partidário da independência gradual e pacífica, a quem se opunha Salah Bem Yusuf, que exigia a independência imediata. No congresso de 1955 do Néo-Destour, triunfam as teses de Bourguiba. Bem Yusuf é expulso do partido e exila-se no Egito.

o seu bem-estar? Dá-se conta de que esse benefício só é tão fácil porque lho arrebatava a outros. Em suma, faz duas aprendizagens numa: descobre a existência do colonizado e, ao mesmo tempo, o seu próprio *privilégio*.

Sabia, evidentemente, que a colónia não estava povoada unicamente por colonos ou por colonizadores. Tinha mesmo alguma ideia dos colonizados graças aos livros de leitura da sua infância; vira no cinema algum documentário sobre alguns dos seus costumes, escolhidos de preferência pelo seu exotismo. Mas estes homens pertenciam precisamente ao reino da imaginação, dos livros ou do espetáculo. Não lhe concerniam, ou só indiretamente, através de imagens coletivas de toda a sua nação, epopeias militares ou vagas considerações estratégicas. Interessara-se um pouco por eles quando decidiu ir para a colónia, mas não muito mais que pelo clima, presumivelmente adverso, ou pela água, que se dizia que era demasiado calcária. E vê-la que estes homens, de repente, deixam de ser um simples elemento de um cenário geográfico ou histórico e instalam-se na sua vida.

Não sequer pode decidir evitá-los; deve viver em relação constante com eles, porque é essa mesma relação que lhe permite levar essa vida que decidiu buscar na colónia; é essa relação que é produtiva, a que cria o privilégio. Encontra-se no prato de uma balança que tem o colonizado no outro. Se o seu nível de vida é alto, é porque o do colonizado é baixo; se pode aproveitar-se de uma mão de obra, de um serviço doméstico numeroso e pouco exigente, é porque o colonizado é explorável à vontade e não está protegido pelas leis da colónia; se consegue tão facilmente postos administrativos, é porque não são reservados e porque o colonizado está excluído deles; quanto melhor respira, mais abafa o colonizado.

Não pode deixar de descobrir tudo isto. Não é ele a quem poderiam convencer os discursos oficiais porque é ele quem os redige, ou o seu primo ou o seu amigo; é ele quem elabora as leis que fixam os seus exorbitantes direitos e os deveres dos colonizados, as disposições discretamente veladas de discriminação, os termos dos concursos e da contratação. Ele está necessariamente no segredo da sua aplicação porque é o encarregado da mesma. Mesmo querendo-se cego e surdo ao funcionamento

de toda a máquina, bastaria que recolhesse os resultados: el é o beneficiário de toda a empresa.

O USURPADOR

É impossível, enfim, que nom advirta em absoluto a *ilegitimidade* constante da sua situação. É ademais, de algum modo, umha ilegitimidade dupla. Estrangeiro, chegado a um país polas vicissitudes da história, conseguiu nom só fazer-se sítio, mas também ocupar o do habitante, outorgando-se privilégios assombrosos em detrimento dos nativos. E isto nom em virtude das leis locais, que de algumha maneira legitimam a desigualdade pola tradição, mas subvertendo as regras admitidas e substituindo-as polas suas. Mostra-se assi duplamente injusto: é um privilegiado e um privilegiado nom legítimo, isto é, um *usurpador*. E enfim, nom só aos olhos dos colonizados, mas aos seus próprios. Se algumha vez objeta que também existem privilegiados entre os colonizados, senhores feudais e burgueses, cuja opulência iguala ou supera a sua, fai-no sem convicção. Nom ser o único culpável pode tranquilizar, mas nom absolve. Reconhecerá facilmente que os privilégios dos privilegiados autóctones som menos escandalosos que os seus. Sabe também que os colonizados mais favorecidos nunca deixarão de ser colonizados, o que significa que certos direitos lhes serão negados eternamente, que certas vantagens estão reservadas exclusivamente para el. Em resumo, aos seus olhos, como aos da sua vítima, sabe-se usurpador e tem que se acostumar a esses olhares e a essa situação.

O PEQUENO COLONIZADOR

Antes de ver como estes três descobrimentos –lucro, privilégio, usurpação– estes três avanços na consciência do colonizador vam modelar a sua fisionomia, através de que mecanismos vam transformar o candidato colonial em colonizador ou em colonialista, é necessário responder a umha objeção corrente: a colónia, di-se frequentemente, nom compreende só os colonos. Pode-se falar de privilégios a respeito dos ferroviários, funcionários médios ou mesmo pequenos agricultores, que fam muitos cálculos para viver tam bem como os seus homólogos metropolitanos?...

Para estabelecer umha terminologia cómoda, distingamos o colono, o colonizador e o colonialista. O *colono* seria o europeu que vive na colónia, mas sem privilégios, cujas condições de vida nom seriam superiores às do colonizado de categoria económica e social equivalente. Por temperamento ou convicção ética, o colono seria o europeu benevolente que nom teria a atitude do colonizador em relação ao colonizado. Pois bem, digamo-lo já, apesar da aparente exageração da afirmação: *o colono assi definido nom existe, porque todos os europeus das colónias som privilegiados.*

É certo que nem todos os europeus das colónias som potentes, nem possuem milhares de hectares, nem dirigem administrações. Muitos som eles mesmos vítimas dos senhores da colonização. Som explorados economicamente, utilizados politicamente na defesa de interesses que muitas vezes nom coincidem com os seus. Mas as relações sociais quase nunca som unívocas. Contrariamente a todo o que se prefere crer, tanto as boas intenções como as afirmações interessadas: o pequeno colonizador é, de facto, geralmente solidário com os colonos e defensor encarniçado dos privilégios coloniais. Por que?

Solidariedade do semelhante com o seu semelhante? Reação de defesa, expressom ansiosa de umha minoria que vive no seio de umha maioria hostil? Em parte. Mas nos melhores momentos da colonização, protegidos pola polícia e o exército, e com umha aviação sempre pronta a intervir, os europeus das colónias nom tinham medo, em qualquer caso nom o suficiente para explicar tal unanimidade. Mistificação? Mais que isso, sem dúvida. É certo que o pequeno colonizador teria el mesmo que livrar um combate, levar a cabo umha libertação, se nom estivesse tam profundamente enganado polos seus e cegado pola história. Mas nom creio que umha mistificação poda repousar sobre umha completa ilusom, poda governar totalmente o comportamento humano. Se o pequeno colonizador defende o sistema colonial com tanto ardor é porque, pouco ou muito, é beneficiário del. A mistificação reside em que para defender os seus interesses, mui modestos, defende outros infinitamente mais importantes, dos que ademais é vítima; mas, enganado e vítima, também encontra a sua compensação.

O privilégio é umha questom relativa: mais ou menos, todo colonizador é privilegiado, porque o é *comparativamente*, e em detrimento do colonizado. Se os privilégios dos potentados da colonizaçom som patentes, os exíguos privilégios do pequeno colonizador, mesmo do mais pequeno, som mui numerosos. Cada gesto da sua vida quotidiana pom-no em relaçom com o colonizado e em cada gesto beneficia de umha vantagem reconhecida. Tem problemas com as leis? A polícia e mesmo a justiça serám mais clementes com el. Tem necessidade dos serviços da Administraçom? Será-lhe menos complicado, abreviarám-se-lhe as formalidades, reservará-se-lhe um mostrador onde os requerentes serám menos numerosos, a espera será menos longa. Busca emprego? Tem que passar umha oposiçom? Os lugares e os postos estarám-lhe reservados de antemao, as provas realizarám-se na sua própria língua, ocasionando dificuldades eliminatórias ao colonizado. Estará tam cego ou tam cegado que nom chegue a ver jamais que, em condiçoms objetivas iguais, classe económica e méritos iguais, leva sempre vantagem? Como nom vai virar a cabeça, de vez em quando, para reparar em todos os colonizados, algumas vezes antigos discípulos ou colegas, que deixou tam atrás.

Em suma, ainda que nom pida nada, ainda que nom necessite nada, basta-lhe aparecer para que se associe à sua pessoa o preconceito favorável de todos os que contam na colónia; e mesmo dos que nom contam, porque goza do preconceito favorável, do respeito do próprio colonizado que lhe consente mais que aos melhores dos seus; que, por exemplo, tem mais confiança na sua palavra que na dos seus. Possui, por nascimento, umha qualidade independente dos seus méritos pessoais, da sua classe objetiva: é membro do grupo dos colonizadores cujos valores prevalecem e dos que participa. O país segue o ritmo das suas festas tradicionais, mesmo as religiosas, e nom as dos nativos. O descanso semanal é o do seu país de origem, a bandeira da sua naçom ondeia sobre os monumentos, é a sua língua materna que permite as comunicaçoms sociais; mesmo a sua indumentária, o seu acento, as suas maneiras acabam por ser imitadas polos colonizados. O colonizador fai parte de um mundo superior, do que se limita a recolher automaticamente os privilégios.

OUTROS MISTIFICADOS DA COLONIZAÇÃO

É também a sua situação concreta, econômica, psicológica, no complexo colonial em relação aos colonizados por um lado e aos colonizadores por outro, que explicará a fisionomia dos outros grupos humanos; aqueles que nem som nem colonizadores nem colonizados. Os nacionais de outras potências (italianos, malteses da Tunísia), os aspirantes à integração (a maioria dos judeus), os integrados recentes (cursos na Tunísia, espanhóis na Argélia). Podem-se agregar os agentes da autoridade recrutados entre os próprios colonizados.

A pobreza dos italianos ou dos malteses é tal que pode parecer ridículo falar de privilégios a respeito deles. Porém, ainda sendo frequentemente miseráveis, as migalhinhas, que inopinadamente se lhes concedem, contribuem a diferenciá-los, a afastá-los perigosamente dos colonizados. Mais ou menos favorecidos em comparação com as massas colonizadas, tendem a estabelecer relações do tipo colonizador-colonizado com elas. Ao mesmo tempo, nem coincidindo com o grupo colonizador, nem desempenhando o mesmo papel no complexo colonial, cada um distingue-se à sua maneira.

Todos estes matizes são facilmente observáveis na análise das suas relações com o feito colonial. Se os italianos da Tunísia sempre invejaram os privilégios jurídicos e administrativos dos franceses, estão, porém, em melhor situação que os colonizados. Estão protegidos pelas leis internacionais e por um consulado mui presente, sob o olhar constante de uma metrópole atenta. Muitas vezes, longe de serem rejeitados pelo colonizador, são eles mesmos que duvidam entre a integração e a fidelidade à sua pátria. Enfim, uma mesma origem europeia, uma religião comum, uma maioria de traços e costumes idênticos aproximam-nos sentimentalmente do colonizador. De todo isso derivam vantagens seguras que nem possui certamente o colonizado: uma maior facilidade de emprego, uma insegurança menor frente à miséria total e às doenças, uma escolarização menos precária, também algumas deferências por parte do colonizador, uma dignidade mais ou menos respeitada. Compreenderá-se que, por deserdados que sejam em termos absolutos, terão em relação ao colonizado muitas condutas comuns com o colonizador.

Contra-prova: Beneficiando-se da colonização só por empréstimo, pelo seu parentesco com o colonizador, os italianos estão muito menos afastados do colonizado que os franceses. Não têm com eles essas relações afetadas, formais, esse tom que evoca sempre o amo dirigindo-se ao escravo, do que o francês não pode livrar-se totalmente. Ao contrário dos franceses, os italianos, na sua quase totalidade, falam a língua dos colonizados, contraem com eles amizades perduráveis e mesmo casamentos mistos, sinal particularmente revelador. Em suma, os italianos não mantêm uma grande distância entre eles e os colonizados porque pouco têm que ganhar com isso. A mesma análise seria válida, com alguns matizes, para os malteses.

A situação dos israelitas –eternos candidatos titubeantes e rejeitados à integração– pode ser examinada numa perspectiva similar. A sua ambição constante, e muito justificada, é a de escapar à sua condição de colonizado, carga suplementar num passivo já pesado. Por isso, esforçam-se por parecer-se ao colonizador, com a confessada esperança de deixarem de ser considerados diferentes. Daí os seus esforços por esquecer o passado, por mudar os costumes coletivos, a sua adoção entusiasta da língua, da cultura e dos costumes ocidentais. Mas se o colonizador nem sempre desanima abertamente estes candidatos a assemelhar-se-lhe, tampouco lhes permitiu nunca que o conseguissem. Vivem assim numa penosa e constante ambigüidade; rejeitados pelo colonizador, compartilham parcialmente a situação concreta do colonizado, têm com ele solidariedades de facto. Por outro lado, rejeitam os valores do colonizado como pertencentes a um mundo decadente, do que esperam escapar com o decorrer do tempo.

Os recentemente integrados situam-se geralmente muito além do colonizador médio. Exercem um colonialismo extremista, exibem um desprezo orgulhoso pelo colonizado e lembram com insistência a sua pretensa nobreza, que é desmentida muitas vezes por uma brutalidade vil e pela sua cobiça. Demasiado surpreendidos ainda pelos seus privilégios, saboreiam-nos e defendem-nos com inquietude e bravura. E se a colonização chega a estar em perigo, fornecem-lhe os seus defensores mais dinâmicos, as suas tropas de choque e, às vezes, os seus provocadores.

Os agentes da autoridade, quadros, *caïdes*, polícias, etc., recrutados entre os colonizados, formam umha categoria de colonizados que pretende escapar à sua condição política e social. Mas, escolhendo pôr-se ao serviço do colonizador e defender exclusivamente os seus interesses, acabam por adotar a sua ideologia, inclusive em relação aos seus e a si mesmo.

Todos, enfim, mais ou menos mistificados, mais ou menos beneficiários, enganados até ao ponto de aceitarem um sistema injusto (de o defenderem ou de se resignarem a el) em que o colonizado suporta a carga mais pesada. O seu desprezo pode nom ser mais que umha compensação à sua miséria, do mesmo modo que o antissemitismo europeu é freqüentemente um subterfúgio cómodo. Assi é a história da pirâmide de tiraninhos: cada qual, socialmente oprimido por outro mais poderoso que el, encontra sempre alguém menos poderoso a quem dominar e converte-se, por sua vez, em tirano. Que desquite e que orgulho para um carpinteirinho nom colonizado fazer-se acompanhar por um operário árabe que leva sobre a cabeça umha tábua e alguns cravos. Para todos existe, polo menos, essa profunda satisfação de serem negativamente melhores que o colonizado: nom serem nunca submersos totalmente na abjeção para onde os expulsa o feito colonial.

DO COLONO AO COLONIZADOR

O colono nom existe, porque nom depende do europeu das colónias continuar a ser colono, ainda que tal fosse a sua intenção. Que o tenha desejado expressamente ou nom, é acolhido como privilegiado pelas instituições, os costumes e as gentes. Desde que desembarca ou desde o seu nascimento, encontra-se numha situação de facto, comum a todo o europeu que vive nas colónias, situação que o transforma em colonizador. Mas nom é a este nível, certamente, que se situa o problema ético fundamental do colonizador: o do compromisso da sua liberdade e, portanto, da sua responsabilidade. Teria podido certamente nom tentar a aventura colonial, mas umha vez iniciada a empresa, já nom depende del rejeitar as condições. É necessário agregar ainda que podia encontrar-se sujeito a essas condições, independentemente de qualquer escolha prévia, se nasceu na

colônia de pais já colonizadores, ou se verdadeiramente ignorava, quando tomou a decisão, o sentido real da colonização.

É a um segundo nível onde se vai apresentar o verdadeiro problema do colonizador: umha vez que descobriu o sentido da colonização e tomou consciência da sua própria situação, da do colonizado e das suas necessárias relações. Vai-nas aceitar? Vai aceitar-se ou rejeitar-se como privilegiado e confirmar a miséria do colonizado, correlato inevitável dos seus privilégios? Vai aceitar-se enfim como usurpador, e confirmar a opressão e a injustiça em relação ao verdadeiro habitante da colônia, correlativas da sua excessiva liberdade e do seu prestígio? Vai aceitar-se, por fim, como colonizador, essa imagem de si mesmo que o observa, que sente já tomar forma sob o nascente hábito do privilégio e da ilegitimidade, sob o constante olhar do usurpado? Vai habituar-se a essa situação, a esse olhar e à própria condenação de si mesmo, em breve inevitável?